



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

ARQUIVOS, SILENCIAMENTOS E CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS: O CASO DE ALAN TURING

ARCHIVES, SILENCING AND THE CONSTRUCTION OF MEMORIES: THE ALAN TURING CASE

Thays Lacerda Ferrando¹

Modalidade da apresentação: Pôster

Resumo: Apresenta questões que envolvem os arquivos, os silenciamentos/apagamentos e a construção de memórias, tendo como objeto de estudo o arquivo pessoal do matemático britânico Alan Turing, pioneiro da ciência da computação. O estudioso tornou-se figura representativa para a história da II Guerra Mundial por ter seu trabalho vinculado ao desenvolvimento de um instrumento que descodificava mensagens do governo alemão durante a guerra. Porém o reconhecimento oficial do governo britânico se deu quase cinquenta anos após a sua morte. Recentemente os documentos relacionados às suas atividades tornaram-se públicos, arquivos sobre sua figura foram constituídos sua história foi representada em um filme. O fato de Turing ter sido homossexual nos faz refletir sobre o apagamento de sua história na historiografia da grande guerra, apontando a nossa pesquisa para um estudo do tema memória, arquivo e poder. Este trabalho faz parte da pesquisa de doutoramento em desenvolvimento no programa de ciência da informação da Universidade Federal Fluminense, intitulada “O arquivo recalcado: da psicanálise à ciência da informação”.

Palavras-chave: Memória. Arquivo. Cultura de Memória. Alan Turing. Reconhecimento.

Abstract: *This work presents issues involving archives, the silencing/deletions and the construction of memories, having as object of study the personal papers of the british mathematician Alan Turing, pioneer of computer science. The scholar became figurehead of World War II's history, once his work is related to the development of an instrument that decoded messages from the German Government during the war. However, the official recognition of the British Government only took place almost 50 years after his death. Recently the documents related to his activities became public, archives on his figure were formed, his story was told in a movie. The fact that Turing has been homosexual makes us reflect on the deletion of his history in the historiography of the great war, pointing our research to the*

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF)

study of the theme memory, archives and power. This work is part of the doctoral research in the information science program of Fluminense Federal University, entitled "The repressed archives: from psychoanalysis to information science".

Keywords: *Memory. Archives. Memory Culture. Alan Turing. Recognition.*

1. INTRODUÇÃO

A rememoração em larga escala observada no mundo ocidental contemporâneo, tese desenvolvida por Andreas Huyssen, aponta para as reflexões acerca da constituição de arquivos e da construção de memórias relacionadas à eventos ou personalidades que marcaram a história política do ocidente. Neste trabalho temos como objeto de estudo os arquivos pessoais do matemático britânico Alan Turing, que começaram a ser estudados, em parte pela desclassificação daqueles que envolviam questões governamentais, em parte pela organização de seus documentos privados.

2. PASSADOS PRESENTES, CULTURA DE MEMÓRIA E O ARQUIVO DE ALAN TURING

No livro *Seduzidos pela memória* Andreas Huyssen (2004) levanta diversas questões relacionados à necessidade da sociedade contemporânea de construir discursos de memória. O esquecimento, ao contrário de ser algo natural, - dado o sentido biológico de esquecer que, segundo Izquierdo, é intrínseco ao ser humano - adquire um caráter negativo, onde esquecer é visto como patologia social e o ato de lembrar seria essencial para a nossa existência.

Huyssen desenvolve a tese de que vivemos uma *cultura de memória*, onde alguns Estados utilizam a memória como uma espécie de redenção/perdão por um passado que, muitas vezes, viam-se na possibilidade de esquecer. A partir da análise da sociedade alemã atual, o pesquisador aponta questões importantes para o entendimento da cultura de memória, como: por que vivemos em uma cultura de memória? Qual o papel de representação que o passado oferece aos grupos sociais pós-modernos? Qual o papel da saturação midiática no consumo em massa de memórias? Essa cultura em massa não despertaria um excesso de medo de esquecer?

O autor afirma que há um pânico público frente ao esquecimento (tanto do Estado, quanto da sociedade civil), sem conseguir identificar o que aparece primeiro: o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar ou o desejo de lembrar que acelera o medo de esquecer?

Quanto mais nos pedem para lembrar, no rastro da explosão da informação e da comercialização da memória, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer. [...] A minha hipótese aqui é que nós tentamos combater este medo e o perigo do esquecimento

com estratégias de sobrevivência de rememoração pública e privada. (HUYSSSEN, 2004, p.20)

Um dos exemplos que Huyssen trabalha é com o Holocausto, afirmando que a sua globalização, construída de formas diversas, foi essencial para o crescimento dos discursos de memória. Assim, o Holocausto passou a ser entendido como *lugar-comum universal para os traumas históricos*, inclusive quando tratamos de genocídios totalmente sem relações com o Holocausto – na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial - como o caso de Ruanda, por exemplo.

Outro ponto levantado por Huyssen é a questão dos *passados presentes* (tese do livro em questão), que retoma a necessidade da sociedade contemporânea de lembrar. O crescimento do fenômeno *passados presentes* se deu a partir da década de 1970, principalmente nos EUA e na Europa, sendo observáveis cotidianamente, a exemplo: a) Restaurações urbanas: reformas de bairros, ou ainda cidades inteiras evocando o passado. No Rio de Janeiro vemos a *revitalização* da Praça Mauá e do bairro do Centro, dando acesso às áreas antigas da cidade e agregando a elas novos aspectos culturais; b) O consumo de uma *moda retrô*: comercialização de objetos, roupas e estilos apropriados de uma época passada e que são incorporados à estética atual; c) A *automusealização* através do excesso do uso das tecnologias audiovisuais. Vale ressaltar que o autor escreveu antes do crescimento das redes sociais, vide Facebook e Instagram. Atualmente percebemos que questão do audiovisual está muito mais evidente; d) O crescimento de uma literatura baseada em romances históricos e consumida por um grande público fora da academia. Temos alguns exemplos de escritores como Ken Follett, que trabalha com histórias de guerras, Philippa Gregory, que desenvolve seus romances a partir da análise do reinado de Henrique VIII e de sua família e, no Brasil, Mary Del Priori que trabalha com a família real portuguesa; e) O crescimento também de uma literatura especializada voltada para um resgate da memória, seja aquela que trabalha o trauma a partir de uma análise psicanalítica, ou a histórica que aborda o genocídio, assim como novas perspectivas dadas a *temas de margem* como a escravidão, a AIDS e os abusos/crimes sexuais.

Esses exemplos desaguam num *lado traumático da cultura da memória*, que observamos apoiada em dois tipos de aparatos: teóricos, que corroboram a comercialização e o consumo em massa da nostalgia; e políticos, que desvelam controvérsias públicas envolvendo o passado, a escrita da história e o Estado em uma necessidade de reescrever a história. Esses aparatos suscitam em ações práticas de reparação, assim como pedidos de desculpas oficiais, feitos por líderes religiosos e chefes de Estado, em nome de um passado

que está cada vez mais presente. É nesse sentido que trataremos do arquivo pessoal de Alan Turing.

Alan Turing, matemático britânico de meados do século XX, teve seu trabalho reconhecido academicamente e é considerado um dos fundadores da Ciência da Computação e da Inteligência Artificial. Suas pesquisas revolucionaram diversos campos científicos e tem repercussões até os dias de hoje.

Porém, o desconhecimento sobre o Turing não corresponde a sua história, que extrapola o desenvolvimento da Ciência da Computação ou da Inteligência Artificial. Seus trabalhos influenciaram diretamente os rumos da história da Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, a história política do Ocidente.

Turing, além de matemático era especialista em codificação e, a partir de 1938 – ou seja, antes do Reino Unido declarar guerra à Alemanha – passa a trabalhar em tempo parcial para o governo britânico, mantendo suas pesquisas na Universidade de Cambridge à qual estava vinculado.

Ao longo da guerra, Turing tornou-se parte de uma equipe que colaborava com o governo britânico para decifrar a máquina alemã de codificação conhecida como *Enigma*. Os códigos da *Enigma* eram considerados inquebráveis, o que impedia o conhecimento de informações essenciais sobre as atividades do governo alemão. Em um primeiro momento, uma mensagem processada pela máquina foi decifrada por um grupo de matemáticos poloneses. A partir da mensagem decodificada, Turing e sua equipe conseguiram generalizar a quebra dos códigos permitindo, assim, a compreensão de qualquer mensagem do governo alemão codificada pela máquina *Enigma*.

Além disso, Turing e sua equipe projetaram outras duas máquinas que, utilizando métodos estatísticos sofisticados, possibilitaram a automação do processo de decifrar mensagens e a quebra de cifras produzidas por outra máquina, *Lorenz*, utilizada pelo alto comando do governo alemão. Aproximadamente 50 mil mensagens passaram a ser decifradas por mês, colaborando para a ascensão britânica na guerra. Turing recebeu a Ordem do Império Britânico, condecoração pela sua contribuição na Segunda Guerra Mundial.

Retomando a questão da memória, sugerimos que o trabalho desenvolvido por Turing e sua equipe, ao longo da segunda guerra, foi “apagado” dos registros oficiais britânicos e da história política ocidental. Em meio à guerra fria, essas informações foram classificadas como sigilosas e o mérito de Turing fora esquecido na escrita da história da Segunda Guerra.

Pensando sobre *passado presente* de Huyssen, observamos uma onda de produção de filmes biográficos produzidos Hollywood nos últimos anos. Nesta onda, em 2014 apresenta-se

ao grande público uma produção sobre a vida e a obra de Turing. O filme *O jogo da imitação* mostra, principalmente, a participação do cientista em meio ao grupo que decodificou a máquina alemã durante a Segunda Guerra, assim como seu relacionamento com o governo britânico. Porém tanto sua vida pessoal quanto parte da profissional, foram apresentadas de forma romantizada, como é de praxe nas literaturas de romances históricos, sendo explorados apenas os elementos necessários para a construção da narrativa, inserindo-se o fato de Turing ser homossexual.

Questionamos se a produção hollywoodiana reflete a tentativa de trazer à tona uma memória reparadora, embasada na ideia de reescrever uma história esquecida, oprimida, recalçada, por uso de poderes públicos – como, por exemplo, nas políticas de classificação de documentos – que relegaram ao esquecimento personagens que representam um determinado grupo social? Ou ainda, será apenas uma busca incessante pelo *passado presente*, do qual o nosso presente não consegue viver sem?

Alan Turing morreu em 1954 por envenenamento com cianureto. Não se sabe se foi uma morte acidental, em decorrência de suas pesquisas com o elemento, ou se foi proposital, suicidando-se. Na ocasião de sua morte, Turing não operava mais em nome do governo britânico. Seu desligamento se deu com o fim da guerra.

Em 1952, Turing foi condenado pelo crime de “indecência” que, neste caso, significava manter relações homoafetivas. O Reino Unido considerou o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo como crime até o ano de 1967. Como punição, o matemático pode escolher entre duas opções: ou iria para prisão e, conseqüentemente, se afastaria de suas pesquisas; ou se submeteria à castração química. Optou pelo segundo.

Após a sua morte e em meio a Guerra Fria, seus arquivos foram classificados como ultrassecreto pelo governo britânico. Com a publicação de algumas obras fora da Inglaterra, a partir de 1970, que descreviam o trabalho colaborativo existente entre os pesquisadores poloneses, britânicos e franceses durante a Segunda Guerra Mundial, assim como apontavam a participação de Turing durante a guerra (exemplo o livro polonês *A indecifrável Enigma*). Alguns pesquisadores, como o biógrafo Andrew Hodges e sua própria mãe, passaram a procurar e recolher documentos que relacionassem Turing e seu trabalho à história da guerra. Em 2012, ano de comemoração do centenário de seu nascimento, o governo britânico desclassificou dois artigos de Turing, afirmando que podiam se tornar públicos pois não continham mais informações que fossem sensíveis à segurança do Estado.

Pessoas relacionadas à história de Turing cederam documentos pessoais, tanto em relação aos seus trabalhos, quanto em relação à sua vida pessoal, criando arquivos que

atualmente estão disponíveis fisicamente e/ou na rede. Um deles é o *Turing Archive*, onde está parte do material produzido pelo matemático durante seu vínculo com a Universidade de Cambridge². Um memorial foi criado em 2001 em sua homenagem em Manchester, sua imagem aparece segurando uma maçã – que gerou diversas análises simbólicas a respeito da maçã – junto a uma placa que aponta Turing como pai da ciência da computação e vítima do preconceito.

Ressaltamos também dois acontecimentos que envolvem a questão das ações de reparação do passado pelo Estado, citada anteriormente. Em 2009, Gordon Brown, então primeiro ministro do Reino Unido, foi a público pedir desculpas oficiais, em nome do governo britânico, pelo tratamento discriminatório dado à Turing diante sua prisão, condenação e pena. Brown, em seu discurso, pontua que o Reino Unido tem um débito com a memória de Turing pelo tratamento desumano dado ao matemático a partir de sua condenação e se desculpando diante das demandas de justiça exigidas por parte da sociedade britânica. Afirma que Turing foi uma das mais famosas vítimas da homofobia – e das leis homofóbicas que regeram o Reino – e que o pedido de desculpas é um passo para a igualdade tão esperada quanto requisitada pela sociedade.

Em 2013, o perdão real foi concedido ao matemático pela Rainha Elizabeth II anulando sua condenação 59 anos após sua morte, estimulado por diversos abaixo-assinados e petições que circularam na internet. Esses documentos virtuais pedem o perdão real para mais de 40 mil homens que passaram pela mesma situação de Turing.

3. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As perguntas a serem feitas sobre o surgimento dos arquivos de Alan Turing e a consequente construção de uma nova memória do matemático (biográfica e inserida na história) estão no cerne do movimento analisado por Huysen, como *passados presentes*. A partir de sua análise podemos compreender melhor os movimentos de reescrita da história e da cultura de memória, que geram a construção de novas memórias, arquivos e memoriais, a partir da necessidade das sociedades contemporâneas de recuperar passados nos quais se veem representadas, assim como, na tentativa de não esquecimento desses passados.

O exemplo de Alan Turing nos permite questionamentos que extrapolam a dimensão deste trabalho. Uma pergunta que não podemos ignorar envolve os motivos para a realização do movimento em prol da reescrita da memória de Turing neste momento político e não em outro. Podemos apontar três hipóteses a serem verificadas nesse contexto. São elas: a) O

² Para mais informações acesse www.turingarchive.org

crescimento da ciência da computação e a importância dos computadores em nossa sociedade colaboraram para o crescimento das pesquisas sobre Turing e seus trabalhos por parte de cientistas da computação, da inteligência artificial e da matemática; b) Historiadores e estudiosos da Segunda Guerra perceberam a oportunidade de reescrever a história do período e inserir um novo personagem dentro do contexto da guerra; c) O crescimento do movimento LGBT ao redor do mundo transformou o matemático em ícone da luta anti-homofóbica. Segundo o movimento, Turing era aceito na comunidade científica de seu tempo. Utilizam o caso para levantar diversas questões que envolvem o tratamento dado às minorias pelo governo.

Essas são hipóteses a serem estudadas dentro do universo da construção de memórias e esquecimentos, no qual os traumas e recalques coletivos influenciam e são influenciados pelas informações e acervos que passaram a circular na sociedade.

Referências

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GERSCHENFELD, Ana. Está na altura de pedir desculpas a Alan Turing. **Público**, Portugal, 2009. Disponível em: < <http://www.publico.pt/temas/jornal/esta-na-altura-de-pedir-desculpas-a-alan-turing-17702633>>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

HODGES, Andrew. **Turing: um filósofo da natureza**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer: cérebro e memória**. Rio de Janeiro: Vieira et Lent, 2010.

O JOGO DA IMITAÇÃO. Direção: Mortem Tyldum. Estados Unidos; Reino Unido: Diamond Films, 2014. 1 DVD (114 min), color.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

SCHECHTER, Luiz. **A Vida e o Legado de Alan Turing para a Ciência**. Seminários apresentados na UFRJ e no IMPA. Disponível em < <http://www.dcc.ufjf.br/~luisms/turing/Seminarios.pdf>>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.